



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS**

**CAROLINA COSTA DE LIMA
MARIZETE ALMEIDA DE SOUZA**

**A LENDA DO BOTO COR-DE-ROSA:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS**

**RIO BRANCO
2026**

**CAROLINA COSTA DE LIMA
MARIZETE ALMEIDA DE SOUZA**

**A LENDA DO BOTO COR-DE-ROSA:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso II como componente
curricular do curso de Licenciatura em
Letras-Libras, Universidade Federal do
Acre (UFAC).
Orientadora: Profa. Ivanete F. Cerqueira

RIO BRANCO
2026

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

L732l Lima, Carolina Costa de, 1986 -

A lenda do boto cor-de-rosa: uma proposta didática para inclusão dos alunos surdos / Carolina Costa de Lima e Marizete Almeida de Souza; Orientadora: Dr^a. Ivanete F. Cerqueira. - 2026.

45 f.: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Licenciatura em Letras Libras, Rio Branco, 2026.

Inclui referências bibliográficas.

1. Gênero textual lenda. 2. Inclusão. 3. Intercâmbio cultural. I. Silva, Thaís Estefani da. II. Cerqueira, Ivanete F. (Orientador). III. Título.

CDD: 419

CAROLINA COSTA DE LIMA
MARIZETE ALMEIDA DE SOUZA

A LENDA DO BOTO COR DE ROSA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA
PARA INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-
Libras para a obtenção do título de licenciado em Letras-Libras, Universidade
Federal do Acre.

Rio Branco, _____ de março de 2026

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ivanete Freitas Cerqueira
Orientadora - Universidade Federal do Acre

Profa. Dra. Grassinete Carioca de Albuquerque Oliveira
Banca Examinadora - Universidade Federal do Acre

Profa. Dra. Joseane de Lima Martins
Banca Examinadora - Universidade Federal do Acre

RIO BRANCO
2026

DEDICATÓRIA

Eu, Carolina Costa, dedico este trabalho primeiramente a Deus. Dedico a minha família que me apoiou, me ouviu e participou da minha vida acadêmica, ajudando no que estava ao seu alcance, principalmente, escutando meus desabaços sobre o dia.

Dedico ao meu companheiro Raimundo Nonato, que desde a sua chegada em minha vida, deixou meu processo de formação mais leve, carregando junto comigo minhas dores, meu cansaço e leu várias vezes este trabalho. Mesmo não entendendo nada sobre minha área de pesquisa, me auxiliou no que foi possível para clarear minhas ideias sobre o tema.

Dedico também a minha amiga Marizete, que esteve comigo durante todo o processo de formação. Sempre com muitas risadas, alegrias, companheirismo, raivas e tristezas. Não soltamos a mão de ninguém durante esses quatro anos. Por isso, dedico este texto a você, que foi fundamental no processo de escrita.

Por fim, dedico a mim mesma, por não desistir, ser forte e determinada. Ajudei quem pude nesse processo e sei do meu desenvolvimento e evolução na Libras. Creio que toda a dedicação valeu a pena, pois estou convicta de que serei uma ótima docente.

Eu, Marizete, dedico este trabalho ao meu Deus, que sempre esteve ao meu lado me revestindo de forças e coragem na minha jornada acadêmica. A minha família, que me apoiou e caminhou comigo durante todo o curso. Em especial, dedico a minha dupla Carolina Costa de Lima, que sempre teve uma palavra de força e coragem, por eu estar vencendo um câncer, apesar das raivas, sempre esteve ao meu lado nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por ter nos dado forças para prosseguirmos em nossa caminhada acadêmica, vencendo as dificuldades e desânimos que surgiram ao longo do percurso no Trabalho de Conclusão de Curso. Em especial, agradecemos à orientadora Profa. Ivanete Freitas Cerqueira, por ser uma pessoa incrível que Deus colocou em nosso caminho. Obrigada, pelos conselhos, por não nos deixar desistir, pelas incansáveis orientações com muita paciência, dedicação e pelas palavras sábias que trouxeram calma aos nossos corações.

Agradecemos à Profa. Grassinete Oliveira, responsável pela disciplina do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), por seus ensinamentos e comprometimento em todas as aulas ministradas. Expressamos nossa gratidão à Profa. Joseane Dias Martins pelo aceite e contribuição com a Banca Examinadora enriquecendo o trabalho com sua valiosa participação.

Agradecemos à Universidade Federal do Acre, ao corpo docente do Letras-Libras e a todos que oportunizaram a realização do presente trabalho para conclusão do curso.

[...] ao meu passado, eu devo o meu saber e a minha ignorância as minhas necessidades, as minhas relações. A minha cultura e o meu corpo. Hoje, que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele.

Simone de Beauvoir (1970)

RESUMO

A preservação das raízes culturais de um povo é um aspecto fundamental para a construção da identidade e para o fortalecimento da memória coletiva, como enfatiza a folclorista Signoreli (2017). Nesse sentido, escolas e educadores desempenham um papel crucial, sendo responsáveis por valorizar e transmitir essa herança cultural às novas gerações. No entanto, em salas de aulas do ensino regular onde o processo de inclusão deveria estar acontecendo, é comum observar um distanciamento entre os alunos ouvintes e o aluno surdo, uma vez que eles não conseguem manter uma comunicação mais frequente e profunda por causa da ausência de uma língua comum, no caso, a Libras (Leonardo, 2014). Pensando em situações como essa, nos questionamos: “Será que se utilizarmos a lenda do boto cor-de-rosa como recurso pedagógico conseguiríamos promover a inclusão dos alunos surdos e o intercâmbio entre as culturas ouvinte e surda?”. Tentando responder essa pergunta, lembramos que a contação de histórias está ligada à reunião de pessoas, pois cria o sentimento de pertença uma vez que todos os que estão reunidos recebem os mesmos ensinamentos e orientações (Giordano, 2013). Assim, partindo deste princípio e do fato de que a língua materializada em um gênero textual é o principal ingrediente das interações sociais e culturais (Marcuschi, 2003), pretendemos apresentar a lenda do boto cor-de-rosa como recurso didático pedagógico capaz de promover a inclusão dos surdos e o intercâmbio entre as culturas ouvinte e surda. Para isso, pretendemos: 1) propor um plano de atividades, com base na lenda do boto cor-de-rosa, para o ensino de português em salas de aula inclusivas, do Ensino Fundamental dos anos finais; 2) apresentar a lenda do boto cor-de-rosa em modalidade audiovisual, de forma a atender às necessidades visuo-espacial de alunos surdos e oral auditivas de ouvintes; e 3) sugerir atividades que estimulem a colaboração entre alunos surdos e ouvintes e o respeito à diversidade linguística e cultural. Dessa forma, esperamos que este trabalho torne a sala de aula um ambiente mais inclusivo e colaborativo, onde estudantes surdos e ouvintes se reconheçam como parte de um mesmo ecossistema.

Palavras-chave: Gênero textual lenda. Inclusão. Intercâmbio cultural.

ABSTRACT

The preservation of a people's cultural roots is a fundamental aspect for the construction of identity and the strengthening of collective memory, as emphasized by folklorist Signoreli (2017). In this sense, schools and educators play a crucial role, being responsible for valuing and transmitting this cultural heritage to new generations. However, in regular classrooms where the inclusion process should be taking place, it is common to observe a distance between hearing students and deaf students, since they cannot maintain more frequent and in-depth communication due to the absence of a common language, in this case, Libras (Brazilian Sign Language) (Leonardo, 2014). Considering situations like this, we ask ourselves: "If we use the legend of the pink river dolphin as a pedagogical resource, could we promote the inclusion of deaf students and the exchange between hearing and deaf cultures?" Attempting to answer this question, we recall that storytelling is linked to the gathering of people, as it creates a sense of belonging since all those gathered receive the same teachings and guidance (Giordano, 2013). Thus, starting from this principle and the fact that language materialized in a textual genre is the main ingredient of social and cultural interactions (Marcuschi, 2003), we intend to present the legend of the pink river dolphin as a didactic-pedagogical resource capable of promoting the inclusion of deaf people and the exchange between hearing and deaf cultures. To this end, we intend to: 1) propose an activity plan, based on the legend of the pink river dolphin, for teaching Portuguese in inclusive classrooms in the final years of elementary school; 2) present the legend of the pink river dolphin in audiovisual format, in order to meet the visuoespacial needs of deaf students and the oral-auditory needs of hearing students; and 3) suggest activities that encourage collaboration between deaf and hearing students and respect for linguistic and cultural diversity. In this way, we hope that this work will make the classroom a more inclusive and collaborative environment, where deaf and hearing students recognize themselves as part of the same ecosystem.

Keywords: Textual genre: legend. Inclusion. Cultural exchange.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Baú da Memória para atividade sobre lendas	28
Imagem 2: Vídeo com a lenda do Boto cor-de-rosa	29
Imagem 3: Cartões com nomes escritos, imagens e sinais em Libras, elaborados com base no vocabulário da lenda.	31
Imagem 4: Primeira versão da lenda do boto	32
Imagem 5: Primeira versão da lenda do boto	32
Imagem 6: O quadro comparativo	33
Imagem 7: lâminas dos slides para aprofundamento da lenda.....	34
Imagem 8: Atividade para casa.....	35
Imagem 9: Quadro comparativo entre lenda e conto de fadas	36
Imagem 10: Quadro com sequência de imagens para a produção textual ...	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 CULTURA SURDA VERSUS CULTURA OUVINTE.....	13
2.2.1 A cultura ouvinte.....	14
2.2.2 Cultura Surda	15
2.2 OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS.....	17
2.2.1 Ensino de leitura e escrita (LP como L2 para surdos).....	19
3 METODOLOGIA	21
3.1 MODELO DE PROPOSTA DIDÁTICA	23
4 A LENDA “O BOTO COR-DE-ROSA” ATRAVÉS DE UM PLANO DE ATIVIDADES – A PROPOSTA DIDÁTICA	26
5 CONSIDERAÇÃO FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

A preservação das raízes culturais de um povo é um aspecto fundamental para a construção da identidade e para o fortalecimento da memória coletiva, como enfatiza a folclorista Signoreli (2017). E isso acontece desde que o mundo é mundo, pois, através das histórias, danças, vestimentas, encenações e brincadeiras que nos foram passadas por nossos avós e pais, ficamos sabendo quem nós somos e de onde viemos. Por isso, Sagário e Mendes (2023) sublinham que é importante compreender as lendas, por exemplo, como elementos culturais e educativos, pois através delas são transmitidos valores e conhecimentos que moldam nossas identidades individuais e coletivas ao longo da história. Logo, “compreender essa influência é fundamental para preservar nossa herança cultural e aproveitar o potencial pedagógico dessas narrativas na educação contemporânea” (Sagário; Mendes, 2023, p. 2). Nesse sentido, escolas e educadores, segundo Sagário e Mendes (2023), desempenham um papel crucial e são responsáveis por valorizar e transmitir essa herança cultural às novas gerações. Assim, reconhecer as tradições promove o orgulho pelos antepassados e ajuda a entender a cultura popular, a orientar o comportamento, além de esclarecer questões sobre a natureza, valores da comunidade e regras sociais.

Desenvolve, também, o sentimento de pertença e permite que os alunos se conectem profundamente uns com os outros e com seus antepassados. No entanto, em salas de aulas do ensino regular, onde o processo de inclusão deveria estar acontecendo, é comum observar um distanciamento entre os alunos ouvintes e o aluno surdo, uma vez que eles não conseguem manter uma comunicação mais frequente e profunda por causa da ausência de uma língua comum, no caso, a Libras (Leonardo, 2014). Apesar de todo o aparato legal e o esforço das escolas para se adequarem aos princípios da educação inclusiva, sabemos que ainda há muito o que ser feito para melhorar a qualidade da inclusão, principalmente aquela aplicada em escolas e classes onde há alunos surdos.

Falta formação para professores regentes e do Atendimento Educacional Especializado, pois a presença do tradutor-intérprete como única forma de acessibilidade linguística não basta (Leonardo, 2014). A partir dessa realidade, foi pensada a modalidade de educação bilíngue para surdos, pois é preciso levar em

consideração as especificidades desse público, seu jeito de ser, sua identidade, cultura, ou seja, todas as características oriundas de sua experiência visual.

Nessa modalidade de ensino, o surdo pode desfrutar de uma educação ministrada na sua primeira língua (L1), a Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) e aprender o português como segunda língua (L2), como orienta a Lei 14.191/2021. Entretanto, essa ainda é uma realidade distante, pois, conforme Leonardo (2014), o que temos são alunos surdos nas mesmas classes que ouvintes, participando de aulas em que a língua portuguesa, tanto escrita quanto oral, é o principal meio de comunicação e ao surdo é reservado apenas o tradutor-intérprete como meio de lhe proporcionar a acessibilidade linguística. Nesse contexto, o aluno surdo interage superficialmente com professores e colegas ouvintes, participa pouco ou nada das atividades, o que gera um hiato entre a inclusão que se pretendia e a inclusão que se realiza.

A partir daí surgiu o seguinte questionamento: como uma proposta didática, que visa ao ensino do gênero textual lenda, pode promover a inclusão de alunos surdos e o intercâmbio entre as culturas ouvinte e surda? Assim, para esta pergunta, elaboramos uma possível resposta, pois acreditamos que uma proposta didática que vise ao ensino do gênero textual lenda pode favorecer o processo de inclusão dos alunos surdos, promover a interculturalidade, além de estimular a interação e a colaboração entre alunos surdos e ouvintes, tornando o ambiente de sala de aula mais propício ao aprendizado.

Desta forma o objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta didática, para classes inclusivas do Ensino Fundamental anos finais, que vise ao ensino do gênero textual lenda, a fim de promover a inclusão dos surdos e o intercâmbio entre as culturas ouvinte e surda. Dessa forma, para atingi-lo elaborou-se uma proposta didática, com base na lenda do boto cor-de-rosa, para o ensino de português em salas de aula inclusivas, do Ensino Fundamental dos anos finais; escolheu-se no Youtube um vídeo com a lenda do boto cor-de-rosa em libras, de forma a atender as necessidades visuais de alunos surdos e oral auditivas de ouvintes; além disso, sugeriu-se atividades que estimulassem a colaboração entre alunos surdos e ouvintes e o respeito à diversidade linguística e cultural.

Este Trabalho de Conclusão de Curso inicia-se com esta introdução. Depois abordamos os principais temas da fundamentação teórica: as culturas surda e ouvinte e, em seguida, os desafios da educação inclusiva, principalmente no que diz

respeito ao aluno surdo. A partir daí, discorreremos sobre o papel da escola e do professor na transmissão desses conhecimentos deixados por nossos ancestrais e sobre os gêneros textuais, discursos construídos historicamente a partir de realidades comunicativas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Iniciaremos a fundamentação teórica falando sobre cultura e distinguindo entre cultura surda e cultura ouvinte, já que o objetivo de nosso trabalho é apresentar uma proposta didática que visa ao ensino do gênero textual lenda, a qual nasce na cultura brasileira, mas é, de certa forma, restrita à cultura ouvinte, por ser uma narrativa passada de geração em geração, através da tradição oral.

No entanto, entendemos que a lenda do Boto cor-de-rosa também deve ser conhecida da comunidade surda, a fim de promover a inclusão dos surdos, pois este é certamente o caminho tanto do intercâmbio entre as culturas ouvinte e surda como da inclusão, a qual tem enfrentado diversos desafios. Abordaremos, também, os desafios da educação inclusiva de surdos e, particularmente, o ensino de leitura e escrita em língua portuguesa como segunda língua (L2) para surdos. Por fim, falaremos sobre o planejamento de propostas didáticas bilíngues.

2.1 CULTURA SURDA VERSUS CULTURA OUVINTE

Cultura é um termo abrangente que vem sendo estudado há um tempo por diversas áreas. Cada uma lhe atribui um significado, mas muitas vezes a dificuldade está em entender a cultura apenas como uma manifestação artística. Assim, a cultura é ou identificada como os meios de comunicação de massa ou associada às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e às crenças de um povo, e às vestimentas, culinária e língua. (Strobel, 2008).

De acordo com Strobel (2008), há muitas definições e opiniões sobre cultura, por isso, o que se tem são mais perguntas do que respostas. De acordo com os autores que a pesquisadora cita, há quem fale de uma cultura única e quem diga que existem várias culturas. Cultura no singular aponta para uma noção de superioridade, enquanto cultura no plural diz respeito a diferentes nações, mas também às culturas que podem existir dentro de um mesmo país (Strobel, 2008).

A humanidade, ao longo do tempo, adquire conhecimento através da língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento, entre outras manifestações. Partindo do pressuposto de que cultura é a herança que o grupo social transmite a

seus membros através de aprendizagem e de convivência, percebe-se que cada geração e sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la. Considerar a questão cultural no plural admite a multiplicidade de manifestações de grupos culturais das mais diversas naturezas, tornando o conceito da cultura mais amplo (Strobel, 2008, p. 11).

Dessa forma, a autora afirma que a cultura é uma forma “de transformação, de percepção, da forma de ver diferente”, ou seja, é um modo “de ser, de fazer, de compreender e de explicar”. Isso significa que o homem, durante sua vida, em sua comunidade, “reage, cresce e desenvolve sua identidade” (Strobel, 2008, p. 12). Assim, são as culturas surdas e ouvintes. Cada um tem seu jeito de ser, de fazer, de compreender e de explicar as coisas.

2.2.1 A cultura ouvinte

A cultura ouvinte tem sua experiência moldada pela percepção sonora e na linguagem falada. Isso significa que todo o conhecimento é transmitido e também adquirido por meio de informações oral-auditivas. Nessa cultura, a compreensão do mundo começa a partir do desenvolvimento da linguagem em sua modalidade oral e vocal.

De acordo com Araújo e Lima (2005), o termo cultura significa “sabedoria popular”, a manifestação mais autêntica de um povo. Daí se dizer que folclore é um “conjunto das tradições, conhecimentos, crenças populares, lendas, músicas, danças, adivinhações, provérbios, superstições, brinquedos, jogos, poesias, artesanatos, contos, enfim é o estudo da mentalidade popular” (Araújo; Lima, 2005, p. 10).

Essas manifestações culturais expressam a diversidade étnica, social e histórica de um país. O folclore abrange as várias formas de expressão de um povo, como as histórias, lendas, músicas, danças, festas, tradições e costumes. Assim, no Brasil, o folclore é constituído de artefatos que têm origem nas tradições dos povos originários, dos povos escravizados e todos os outros que fazem parte da nação brasileira.

O folclore brasileiro é muito rico, porque cada região tem um jeito próprio de se manifestar através de suas festividades, músicas, comidas típicas e

manifestações que são transmitidas oralmente, como contos, fábulas provérbios e lendas, que conservam ao longo dos anos a história e a cultura local.

As lendas, em particular, são “elementos fundamentais na construção de uma identidade social, cultural, local e até mesmo religiosa de determinado grupo em determinado tempo e espaço” (Nascimento, 2022, p. 1540). Segundo Nascimento (2022), as lendas descrevem lugares e tecem as respostas que a comunidade necessita entender.

Elas transportam o homem a um universo em que a imaginação explica alguns fatos com simplicidade. Os temas são parte da realidade humana em diversos continentes, mas vão ganhando novos contornos e interpretações com o passar do tempo, já que cada contador dá sua cor às histórias (Menezes, 2022). No Brasil, são várias as lendas: o Saci Pererê, a lara, o Curupira, a Cobra Grande, o Batedor, o Boto Cor-de-rosa. Essas são lendas que retratam a realidade amazônica, mas que infelizmente fica na maior parte das vezes restrita aos ouvintes.

2.2.2 Cultura Surda

Segundo Strobel (2008, p. 18), “a Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas”. Para a autora, a cultura abrange não apenas a língua, como também “as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo” (p. 18). Logo, a Cultura surda também é formada de elementos sociais, culturais e linguísticos, por valores, histórias e tradições (Strobel, 2008), percebidas por meio da visão e expressas conforme a arquitetura da modalidade espaço visual.

Essa cultura é marcada pela identidade surda, que reforça a percepção de pertencimento a uma comunidade única. Por isso, Strobel (2008, p. 18) cita Perlin (2004, p. 77-78) para esclarecer o seguinte:

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas se moldam de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes.

A cultura surda, como um perfume, impregna a pele do povo surdo, daqueles que vivem ativamente nas comunidades surdas, que repartem entre si o que têm – suas normas, valores e comportamentos. Entretanto, tal partilha só ocorre muitas vezes, quando o surdo já é adulto. Isso porque a maioria deles vive em famílias ouvintes ou tem pouco ou nenhum contato com a comunidade surda.

As comunidades surdas no Brasil têm uma longa história. O povo surdo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações, as quais iniciaram diante de uma necessidade de o povo surdo ter um espaço para se reunir e resistir contra as práticas ouvintistas que não respeitavam sua cultura. Essas organizações – as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros – também tiveram e têm o papel importante que é a transmissão cultural, esportiva, política, religiosa e fraternal pelos povos surdos.

“A cultura surda exprime valores e crenças que, muitas vezes, se originaram e foram transmitidas pelos sujeitos surdos de geração passada ou de seus líderes surdos bem-sucedidos, através das associações de surdos” (Strobel, 2008, p. 20).

No entanto, conforme Fernandes (2006), para os surdos não é simples assumir sua cultura, sua diferença linguística. Isso porque essa luta “os coloca na situação de “estrangeiros” dentro de seu próprio país”. Mesmo sendo naturalmente brasileiros e compartilhando da cultura que compõe a identidade nacional, é a experiência visual que orienta as interações cotidianas dos surdos, lhes permitindo comunicar visualmente, através da língua de sinais (Fernandes, 2006, p. 5).

Tal situação ao mesmo tempo que une os surdos enquanto povo, os separa da nação brasileira. Mesmo partilhando o mesmo espaço geográfico, a diferença linguística estabelece uma separação entre as culturas surda e ouvinte. É possível ao nordestino conhecer as tradições do centro-oeste brasileiro e aos habitantes do sudeste ter acesso às lendas do norte, porém há uma grande dificuldade dos surdos em conhecerem às culturas de tradição oral.

A Libras é a língua oficial da comunidade surda e não a segunda língua oficial brasileira. O português é uma segunda língua para os surdos e não pode ser substituída pela língua de sinais. Os surdos, na maior parte dos casos, não têm acesso ao ensino de português como L2, porque estuda esse idioma na perspectiva de língua materna junto com os ouvintes. Estes são alguns dos desafios da educação de surdos matriculados nas escolas regulares.

2.2 OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS

Hoje a educação inclusiva enfrenta obstáculos estruturais, pedagógicos que dificultam aprendizagem de qualidade para todos os estudantes. Falta formação inicial e continuada dos professores para trabalhar com diferentes tipos de pessoas com deficiências e necessidades educacionais especiais.

Barreiras socioculturais, como preconceito e resistência ao bilinguismo, agravam a exclusão de surdos e afetam a participação plena e o sentimento de pertencimento desses estudantes. É insuficiente adaptar escolas, adquirir recursos e tradutores-intérpretes. Há necessidade de profissionais qualificados para lidar com alunos surdos, articulação de políticas educacionais e linguísticas para os surdos. Só assim pode haver uma inclusão que garanta a aprendizagem de todos os alunos na escola regular.

Dorziat (2004) critica o modo como o processo de inclusão vem sendo feito:

É cada vez mais forte “a insistência nos diferentes meios de divulgação (especializados e comunicação de massa) sobre a necessidade de inclusão [...] Essa iniciativa é orquestrada pelas políticas públicas que têm instituído um discurso de solidariedade e de multiculturalismo nos seus documentos oficiais, sem, no entanto, apontarem caminhos de superação efetiva dos mecanismos subliminares de exclusão que ainda assolam o ensino regular. (Dorziat, 2024, p. 1)

Segundo a autora:

[...] as escolas são organizadas para conviverem com uma exclusão sutil diferente da exclusão física de antes. Ela se dá por dentro do sistema, apresentada nos fracos resultados acadêmicos que são maquiados e transformados em respeito às diferenças individuais e às diferentes culturas. Importa é que, estatisticamente, todos permaneçam na escola. (Dorziat, 2024, p. 1)

Em relação aos surdos, Dorziat (2004) explica que, se por um lado a inclusão tem se preocupado com a língua de sinais, disponibilizando tradutores-intérpretes para fazer a mediação linguística em sala de aula; por outro, há uma desconsideração total do processo de interação do aluno surdo com o professor e com seus colegas ouvintes. Mas é preciso lembrar que a escola tem um papel muito importante na construção das relações humanas, pois elas são construídas no

espaço escolar, local onde valores, crenças e culturas se encontram (Ferreira e Silva, 2023)

Além disso, Dorziat sublinha a necessidade de reconhecer como importante o estabelecimento de conexão entre os conteúdos escolares e as formas particulares (visuais) de apreensão e de construção de conhecimentos. A esse respeito, os estudos mostram a falta de formação específica dos professores, que em relação ao processo de ensino do aluno Surdo, na rede regular, ainda é ineficiente, pois muitos docentes não conhecem a realidade dos alunos surdos.

Para esses professores, falta formação adequada, conhecimento e compreensão sobre o aluno surdo e suas características culturais e linguísticas, além de clareza sobre a função do intérprete de Libras em sala de aula, pois tudo isso resulta em práticas pedagógicas que excluem os alunos surdos do espaço escolar (Souza; Lima, 2022).

Segundo Souza e Lima (2002, p. 18), esses alunos “estão “autorizados” a permanecerem no mesmo espaço que alunos ouvintes; entretanto, não há real preocupação na utilização de recursos didáticos que facilitem seu aprendizado”. Elas afirmam que boa parte dos docentes se apoiam apenas no intérprete de Libras, quando estão explicando os conteúdos, embora a maioria reconheça a necessidade de aprender a língua de sinais e de ter uma didática diferente, como trabalhar com materiais concretos e visuais para alcançar seus objetivos junto a esse público.

Estudos desenvolvidos na área de educação de surdos mostram a necessidade de implementar o processo de ensino-aprendizagem de LP como segunda língua para alunos surdos, sendo esse processo mediado pela língua de sinais, como estabelece a legislação (Brasil, 2002; 2005)

Mesmo com vários avanços, nos âmbitos político e legislativo, observa-se que os esforços, na área da educação de surdos no Brasil, não têm sido suficientes para que o sujeito surdo estabeleça de modo eficaz os primeiros contatos comunicativos, no contexto escolar ou social e em outras áreas, como assinala Dorziat (2004)

A lei e o Decreto tornam a Libras obrigatória em cursos de formação para docente e licenciaturas, mas a implementação falha devido à capacitação insuficiente. A solução seria incluir programas bilíngues, investimento em recursos e políticas para fluência nativa em Libras entre educadores.

2.2.1 Ensino de leitura e escrita (LP como L2 para surdos)

Como acontece com o ensino aprendizagem de português para estrangeiro, o ensino de uma segunda língua (L2) para o estudante surdo também requer metodologias e estratégias específicas (Morais; Cruz, 2020). Mas, para esse fim, é preciso selecionar o conteúdo, considerar o nível de aquisição da língua de sinais por esse aluno, sua faixa etária e as estratégias necessárias para atingir o objetivo.

O uso de recursos visuais sem sentido e a não exploração do conhecimento prévio do aluno surdo não contribuem para aprendizagem. Dessa forma, é importante que o professor desenvolva nos alunos o interesse e o gosto pela leitura, por meio de rodas de conversa, reflexões anteriores à leitura do texto, de modo que o aluno esteja engajado no contexto que vai ser lido nesses livros (Quadros; Schmiedt, 2006).

Vale ressaltar que o aprendiz surdo desenvolve seu raciocínio, sobretudo, a partir de sua primeira língua (L1) e de meios visuo-espaciais, pois esse aluno não tem acesso aos *inputs* auditivos como ocorre com aprendizes ouvintes. Por isso, é de responsabilidade do professor recorrer aos recursos visuais e linguísticos, usando, principalmente, a língua de sinais como língua de instrução e como L1 desse aprendiz, articulando entre eles práticas interativas e dialógicas, como explicam Quadros e Schmiedt (2006).

Para Moraes e Cruz (2020), a leitura é um instrumento poderoso para o ensino, pois contribui para o aprendizado de uma língua de forma rápida e eficiente. É importante, então, que o estudante surdo seja exposto constantemente a obras em Libras e em Língua Portuguesa escrita. Tomamos como base essa premissa e destacamos a necessidade de se ofertar aos alunos um ambiente escolar propício ao desenvolvimento do letramento, com profissionais da Libras em toda a escola, ambiente frequentado pelo aprendiz.

Também é importante que o processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos ocorra a partir de diferentes gêneros discursivos, porque permite ao

professor e aos alunos refletirem e se capacitarem para entender as características desses textos.

De acordo com Moraes e Cruz (2020), o ensino baseado em gênero discursivo é importante para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Com isso, as pesquisadoras dividem as etapas de ensino em três fases: apresentação, detalhamento e aplicação do gênero.

Embora essa proposta seja voltada para o ensino de línguas estrangeiras e não especificamente para o aluno surdo, tal prática vem sendo utilizada pelas autoras, com sucesso, na elaboração de materiais didáticos.

Porém, é preciso dizer que o foco do trabalho está na mediação em língua de sinais, pois a apresentação dos conceitos em Libras facilita a compreensão dos textos, promovendo o letramento desde cedo através de representações visuais e gêneros textuais contextualizados.

3 METODOLOGIA

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), uma pesquisa só se inicia se tiver uma pergunta. Para elas, pesquisar é buscar a resposta para alguma coisa. Na nossa pesquisa, começamos a nos perguntando o seguinte: como uma proposta didática que visa ao ensino do gênero textual lenda pode promover a inclusão de alunos surdos e o intercâmbio entre as culturas ouvinte e surda. E como se pode ver o que nos trouxe a esse questionamento não foram questões teóricas, mas práticas, concretas. Nosso desejo é fazer alguma coisa que possa ajudar a promover a inclusão dos surdos e a interação desses alunos com os ouvintes que partilham da mesma sala de aula.

Por isso, a nossa resposta para o questionamento acima é a seguinte: uma proposta didática que vise ao ensino do gênero textual lenda pode favorecer o processo de inclusão dos alunos surdos, promover a interculturalidade e estimular a interação e a colaboração entre alunos surdos e ouvintes, tornando o ambiente de sala de aula mais propício ao aprendizado?

Desse modo, organizamos nosso caminho metodológico a partir do objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso que é apresentar uma proposta didática, para classes inclusivas do Ensino Fundamental anos finais, que vise ao ensino do gênero textual lenda, a fim de promover a inclusão dos surdos e o intercâmbio entre as culturas ouvinte e surda.

Para isso, propomos uma unidade didática, com base na lenda do Boto cor-de-rosa, para o ensino de português em salas de aula inclusivas, do Ensino Fundamental dos anos finais; apresentamos a lenda do boto cor-de-rosa em modalidade audiovisual, de forma a atender às necessidades visuo-espacial de alunos surdos e oral-auditivas de ouvintes; e desenvolvemos atividades que estimulam a colaboração entre os alunos surdos e ouvintes e o respeito à diversidade linguística e cultural.

Esta é uma pesquisa de natureza aplicada, porque permite que a proposta saia da teoria e se torne um instrumento prático de ensino. Neste estudo, nos concentramos em gerar saberes que fossem de encontro a realidade do aluno surdo

que, muitas vezes, não tem acesso às narrativas que circulam no meio ouvinte e também nas aulas de português fica isolado dentro da própria sala de aula.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a finalidade de uma pesquisa é o modo como ela será conduzida, ou seja, qual será seu foco principal. Neste caso, nosso propósito foi descrever, através do plano de atividades, como a lenda do Boto cor-de-rosa pode ser trabalhada. Assim, no plano de atividades, são dados detalhes de como esse gênero foi pensado e de como as atividades foram construídas.

A abordagem é qualitativa, pois nossas explicações sobre o gênero textual a lenda do boto cor-de-rosa baseou-se nas nossas interpretações, no modo como compreendemos e elaboramos todo o estudo. Seu caráter qualitativo se deve ao fato de que, nossa compreensão, enquanto pesquisadoras, símbolos e valores culturais presentes na lenda serão trabalhados pedagogicamente, fazendo com que haja aprendizado significativo e intercâmbio de ideias entre alunos surdos e ouvintes, a fim que eles construam sua própria compreensão e desenvolvam, na medida do possível, um senso crítico.

Antes de prosseguir, gostaríamos de explicar que a lenda do Boto cor-de-rosa, consiste em uma narrativa do folclore amazônico. Nessa narrativa, o cetáceo em noites enluaradas, principalmente em dias de arraíá, costuma transformar-se em um homem bonito, vestido de branco e com chapéu. Diz a lenda que o Boto, ao sair em busca de novos amores, sempre atrai a mulher mais bonita da aldeia, que encantada por ele, se joga em seus braços. Mas no dia seguinte, a moça acorda em um barco sozinha e nove meses depois dá à luz uma criança.

Esta lenda foi escolhida por causa do mistério que a envolve, o que costuma cativar os adolescentes – público para o qual a lenda, que tem um cunho de advertência, se direciona. Lembramos, com isso, que nas escolas públicas, muitas vezes, nas classes do 6º ano, são encontrados alunos de idades variadas.

Para executar este trabalho, primeiro fizemos uma pesquisa bibliográfica para nos ajudar a compreender melhor nosso objeto de estudo e como íamos trabalhar a lenda do Boto cor-de-rosa. Depois, escolhemos duas das versões da história que melhor se adequasse ao ensino de adolescentes do ensino fundamental, anos finais.

Uma versão resumida, retirada de um post da UNIFAE, no Facebook e outra, talvez mais completa, retirada do blog de uma agência de Viagens e Turismo, a Interativa.

Também selecionamos um vídeo da lenda do Boto cor-de-rosa, no canal Youtube, “Coral Mãos que Cantam”, com registro de voz e sinalização feitas por um adolescente. Vale ressaltar que não encontramos vídeos com legenda em português. Antes, nosso objetivo era produzir nosso próprio vídeo, mas por uma série de questões de ordem técnica e de tempo, não foi possível.

Para esta unidade didática, elaboramos atividades que pudessem ser implementadas antes e depois do vídeo, ressaltando os conhecimentos prévios dos alunos surdos e ouvintes em relação à lenda, a compreensão do gênero textual lenda, bem como o desenvolvimento de habilidades que favorecessem a criação de uma versão própria da lenda, com explicaremos melhor a seguir.

3.1 MODELO DE PROPOSTA DIDÁTICA

Este projeto, que traz uma proposta didática para as aulas de português com alunos surdos e ouvintes, tem o objetivo de elaborar um plano pedagógico que vise desenvolver habilidades de leitura e escrita através do gênero textual lenda, a partir de uma concepção teórico-metodológica que priorize abordagens visuais e interativas, visando aos estudantes surdos e ouvintes do ensino fundamental anos finais, dentro da proposta da educação inclusiva.

A visualidade, que é um aspecto central na comunicação surda, provou ser uma ferramenta poderosa para conectar a Libras (L1) ao português escrito (L2), além de valorizar a cultura e a identidade surda.

Para isso, serão considerados alguns aspectos concernentes às habilidades de leitura e escrita, como orientam Cruz e Morais (2020):

- a) O conhecimento prévio dos alunos antes de ler o texto, a **PRÉ-LEITURA**: perguntas e sondagem antes da leitura do texto principal. [...] Então, serão apresentadas situações, textos ou conversas de modo que o aluno comece a ter noção do que será trabalhado no decorrer das atividades.

b) **LEITURA**: compreensão textual, buscando entender e explicar significados explícitos e implícitos, metáforas, informação verbal e não verbal e questões léxico-gramaticais [...].

c) **PRODUÇÃO TEXTUAL**: após a realização das etapas anteriores, o professor terá trabalhado o gênero como um todo, em termos de Unidade didática e plano de atividades: Uma prática de resistência pedagógica para o desenvolvimento de sentidos em libras e em língua portuguesa reconhecimento, identificação, questões linguísticas e gramaticais, de forma que o aluno tenha apreendido informações suficientes para produzir textos em Libras e em LP escrita. Então, ele poderá elaborar textos que demonstrem a consolidação da aprendizagem, ou seja, poderá, por exemplo, elaborar o gênero discursivo abordado. (Morais; Cruz, 2020, p. 213)

Desse modo, esclarecemos que o gênero textual lenda será trabalhado desta forma: primeiro, será aplicada a pré-leitura para saber sobre os conhecimentos e informações que os alunos já trazem sobre o gênero lenda e a história do boto cor-de-rosa. Depois será o momento da leitura, o qual visa à compreensão da lenda por parte dos alunos, buscando esclarecimentos através dos elementos verbais e não verbais presentes no texto. Por fim, depois de compreender a lenda do boto do cor-de-rosa, propõe-se ao aluno a produção de texto, para que ele possa consolidar o que aprendeu durante o processo.

Esse modo de organizar e apresentar o conteúdo será operacionalizado por meio de um plano de Atividades. De acordo com Moraes e Cruz (2020, p. 211), a elaboração de um plano de atividades precisa fazer uso de um “gênero discursivo que seja suficiente e adequado para abordar os conteúdos necessários para a aprendizagem do aluno surdo, seja em contexto bilíngue ou em contexto regular/inclusivo”, quando o foco de trabalho é o aluno surdo.

Com isso, vemos que o planejamento é fundamental, pois contribui para a elaboração e aplicação prática do conteúdo ministrado. Desta forma, Moraes e Cruz (2020), apontam elementos importantes que devem aparecer no plano de atividades, a saber:

1. **Identificação** – o nome do professor é importante e também a série, as idades ou nível escolar que vai ser aplicado o conteúdo.
2. **Tema** – é o assunto que será abordado.
3. **Gênero discursivo** – gênero discursivo que servirá de base para apresentação do conteúdo.
4. **Público-alvo** – nível escolar do aluno.

5. **Objetivos** – diz respeito às competências ou atividades que o aluno deverá ser capaz de saber fazer no final do trabalho. O objetivo deve ser iniciado por um verbo no infinitivo, como por exemplo: identificar, reconhecer, elaborar, compreender, produzir.
6. **Recursos didáticos utilizados** – recursos ou instrumentos necessários para implementar as atividades que serão propostas, tais como: vídeo em Libras com legenda, livro impresso, cartazes com imagens, projetor de *slides*, quadro, figuras.
7. **Procedimentos utilizados** – descrição, dos passos que o professor vai dar para aplicar a atividade.
8. **Atividades propostas** – reúne as tarefas de forma organizada e coerente, seguindo os procedimentos.
9. **Avaliação** – essa parte deve ser bem executada, é a hora do professor prestar atenção a todos os avanços do aluno surdo e entender a sua produção escrita em L2, no caso dos surdos, e L1, no caso dos ouvintes.
10. **Observações importantes** – este espaço deve ser usado para colocar as preocupações ou observações que o professor pensar sobre a proposta de ensino, a flexibilização e o contexto da atividade que será aplicada, se inclusivo ou bilíngue.

São esses elementos abordados pelas autoras que iremos explorar na proposta didática, sempre considerando o ensino inclusivo destinado ao aluno surdo.

4 A LENDA “O BOTO COR-DE-ROSA” ATRAVÉS DE UM PLANO DE ATIVIDADES – A PROPOSTA DIDÁTICA

Nesta seção, todo o nosso trabalho traduz-se em uma proposta didática, que é o plano de atividades que elaboramos, pensando em alunos surdos que dividem espaço em uma sala de maioria ouvinte.

O Plano de Atividades foi pensado para aula de língua portuguesa em que o professor precisa pensar o desenvolvimento das habilidade de leitura e escrita, para dois públicos distintos: nativos de português (L1) que precisam ampliar o conhecimento sobre seu idioma e aprendizes de L2, para os quais a língua tem outros objetivos, aprender a comunicar-se, extrair conhecimento de livros e documentos, iniciar e/ou ampliar seu processo de letramento.

Refletindo sobre as questões de leitura e escrita o plano de atividades, em um primeiro momento, como já dito, se preocupa com os conhecimentos prévios dos alunos. Depois, trata de desenvolver sua compreensão em relação à lenda e, por último, prevê uma atividade de produção textual para que o aluno possa treinar suas habilidades de escrita.

Segue, então, o Plano de Atividades:

PLANO DE ATIVIDADES

Professoras: Carolina Costa de Lima e Marizete Almeida de Souza

Tema: O boto cor-de-rosa

Tempo de aula: 12h

Duração: 4 aulas de 3h

Gênero discursivo: lenda

Público-alvo: alunos ouvintes e surdos do 6º ano – turma A

Objetivos:

Objetivo Geral:

- Compreender a lenda do boto cor-de-rosa, de modo a interagir de forma colaborativamente com colegas surdos e ouvintes.

Objetivos Específicos:

- A) Entender a lenda o boto cor-de-rosa no seu sentido cultural, a fim de reconhecer no seu entorno paisagens, crenças e modo de viver amazônico;
- B) Identificar os personagens da lenda trabalhada, tendo em vista os comportamentos e orientações que ajudam na vida cotidiana;
- C) Interagir de forma a construir um trabalho em que todos os colegas possam estar presentes e se ajudar mutuamente;
- D) Elaborar seu próprio texto, sinalizado ou escrito, como síntese da aula.

Recursos didáticos:

- Vídeo, projeto multimídia, quadro branco, pinceis, cópias do texto, cadernos, lápis/caneta.

Metodologia utilizada:

- Aulas dialogadas em Libras e português (oral e escrito), com atividades e recursos audiovisuais, a fim de promover a interação geral entre professor regente, intérprete de Libras, estudantes surdos e ouvintes. Em todos os encontros, a/o intérprete trabalhará, em consonância com professora, na acessibilidade linguística do aluno surdo. No entanto, o professor continuará responsável pela sala e pelo alunos surdos e ouvinte.

Procedimentos utilizados:**1º Encontro****PRÉ-LEITURA:**

- Antes de iniciar a aula a professora prepara o ambiente da sala de aula para garantir um local descontraído e acessível visualmente, para os alunos surdo e ouvintes. Em todos os encontros, as cadeiras serão dispostas em semicírculo (incluindo a do intérprete de libras), de forma que todos os alunos possam se ver e interagir.
- A professora inicia a aula com uma provocativa, despertando nos alunos o interesse de participar. Ela explica que vai contar uma história que seu pai lhe havia contado quando era criança. Foi a história de quando ele se perdeu na floresta e escutou o Batedo. A professora deixa claro que, depois dela, quem

quiser, pode também contar resumidamente sua história, de forma oral ou em libras.

- Depois de os alunos contarem suas histórias, professora faz algumas perguntas: Quem contou essa história para vocês? E quem contou para quem lhe contou (pais, avós, amigos, tios)? Essas histórias são verdadeiras/reais ou falsas/fictícias? Por que será que as pessoas inventam histórias assim?
- Em seguida, a professora apresenta o Baú da Memória, de onde duplas de alunos vão retirar cartões com imagens de várias lendas. O objetivo é que discutam entre si o que sabem a respeito da lenda, onde a ouviram, se gostaram. Será pedido, também, aos alunos que pensem numa mímica para que os colegas possam adivinhar qual foi a lenda que eles tiraram do Baú da Memória.

Imagem 1 – Baú da Memória para atividade sobre lendas



Fonte: Imagem adaptada a partir do Gemini. (GOOGLE GEMINI. Baú da Memória com sinal de Libras e referências à lenda do Boto. 2026. Imagem gerada por inteligência artificial. Disponível em: <https://gemini.google.com/>.)

- Em momento posterior, a professora explica sobre a tradição oral, histórias passadas de geração em geração, e enfatiza a importância dessas memórias para perceberem que as vivências e as histórias contadas fazem parte da identidade social e cultural, o que fortalece nossa identidade e cultura.

- Como atividade para casa os alunos devem perguntar aos pais, a outros familiares e a vizinhos/amigos adultos, quem contava histórias para eles quando eram crianças.
- Esse foi o gatilho para entrar no assunto da aula sobre o gênero textual lenda. Para despertar o interesse dos alunos pela temática da aula é necessário agregar os conhecimentos prévios sobre o assunto, se é real ou fictício, e assim, despertar curiosidades pelas histórias já contadas.

2º encontro

LEITURA:

- Este encontro recomeça com a partilha da pesquisa que os alunos fizeram, perguntando aos adultos conhecidos quem lhes contava histórias/lendas quando eram crianças.
- Agora será passado o vídeo da lenda do boto cor-de-rosa em português oral e em Libras (link: <https://www.youtube.com/watch?v=kPouwy2fzc4>).

Imagem 2 – Vídeo com a lenda do Boto cor-de-rosa



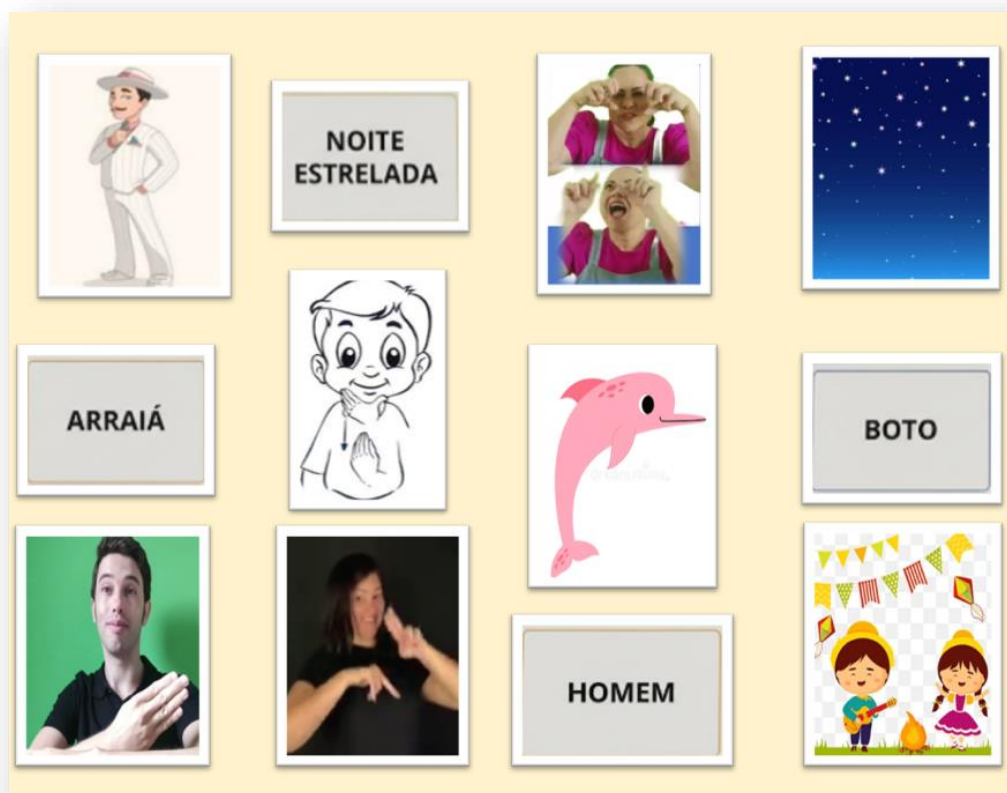
Fonte: Coral Mãos que cantam - Canal do Youtube.

- Como no vídeo é um adolescente que narra a lenda do boto em Libras e português, a professor deve também explorar essa questão, por meio de

perguntas: Vocês viram quem sinalizou a lenda do boto cor-de-rosa? Será que ele é um menino ouvinte que aprendeu Libras ou é um menino surdo? Por que será que esse menino resolveu contar essa lenda de forma sinalizada? Vocês gostaria de aprender libras para contar história para outras crianças? A professora também pode se dirigir diretamente ao(s) aluno(s) surdo(s) perguntando se ele(s) gostaria(m) de aprender Libras para sinalizar para o(s) colega(s).

- Em seguida, para explorar a lenda, a professora pede aos alunos que, cada um pense em duas perguntas para fazer aos colegas sobre a lenda. Ela esclarece que o objetivo é saber se os colegas prestaram atenção aos detalhes da lenda. Caso as perguntas sejam muito repetitivas a professora pode ajudar: Vocês já conheciam a lenda do boto ou esta versão da lenda do boto? Em qual lugar/região se diz que esta lenda aconteceu? Como era o boto? Ele gostava de festas? Para onde ele levava as jovens? E no final da história, alguém conseguia casar com o boto?
- Depois que os alunos perguntam e repondem sobre a lenda apresentada em vídeo, a professora, tendo feito o planejamento da aula junto com o/a intérprete de Libras, distribui entre os alunos vários cartões, alguns com palavras/expressões escritas em português, outros com imagens e outros, ainda, com o sinal em Libras. Cada aluno, ao receber seu cartão, precisa encontrar os colegas com cartões correspondentes. Assim, se um aluno pegou um cartão escrito BOTO, precisa encontrar os outros dois colegas com os cartões que tenham a imagem e o sinal em Libras correspondente ao cartão escrito. Em seguida, os alunos vão ao mural já preparado e colam os cartões na sequência: imagem, escrita em português e sinal em Libras.

Imagem 3: Cartões com nomes escritos, imagens e sinais em Libras, elaborados com base no vocabulário da lenda.



Fonte: Elaborado pelas autoras

- A atividade seguinte, será pedir que os alunos expliquem a expressão: “Quem conta um conto aumenta um ponto”. Depois a professora, a partir do que os alunos falaram, retoma a explicação de forma mais atenta à compreensão do(s) aluno(s) surdo(s). Contudo, o objetivo é deixar claro que as histórias contadas nas comunidades, seja ouvinte ou surda, sempre sofrem alterações e que por isso, uma única história pode ter várias versões, ou seja, diversas formas de contar.
- A partir desta conversa-explicação, a professora entrega para os alunos dois textos escritos em português para que, em grupo, eles identifiquem as diferenças entre as duas versões da história.

VERSÃO 1

Imagem 4: Primeira versão da lenda do boto.



Fonte: https://web.facebook.com/photo.php?fbid=3486780528019599&set=a.530160955877644&id=10066512319950&rdc=1&_rdr

VERSÃO 2

Imagem 5: Primeira versão da lenda do boto.



Fonte: <https://interativaviagens.com.br/a-verdadeira-historia-do-boto-cor-de-rosa/>

. A dinâmica deste momento será:

- Inicialmente, ler, de forma individual, cada um dos textos (os ouvintes

- silenciosamente e o/s surdo/s sem ajuda do intérprete);
 - Sublinhar no texto as palavras que não entenderam;
 - Discutir no grupo o significado/sentido das palavras que não compreenderam, para ver se um colega que tenha entendido melhor o texto possa ajudar na compreensão;
 - Explicação da professora sobre o significado/sentido das palavras que os alunos não conseguiram compreender;
 - Dependendo da compreensão do(s) aluno(s), a professora, junto com a/o intérprete pode confeccionar um pequeno manúário.
- Feita a leitura e estudo do vocabulário, a professora entrega aos alunos um quadro comparativo, que deve ser preenchido pelo integrantes do grupo.

Imagem 6: O quadro comparativo

QUADRO COMPARATIVO		
ASPECTOS DA LENDA	VERSÃO 1	VERSÃO 2
Cenário/ambiente		
Descrição do boto		
Ações principais		
Relação com os humanos		
Final da história		

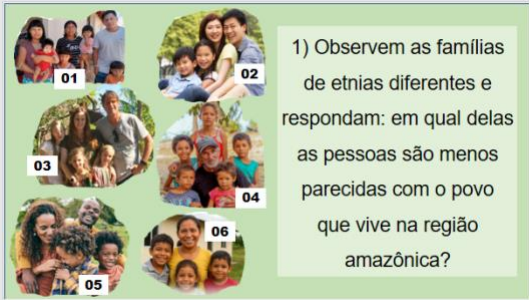

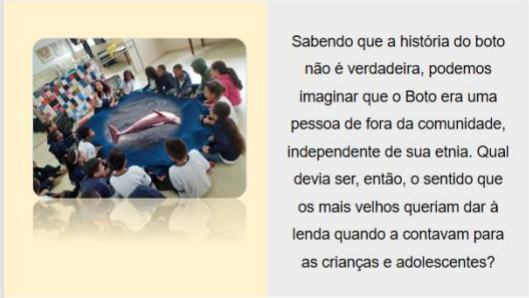

Fonte: Elaborado pelas autoras.

- Em casa, os alunos pesquisam com adultos, em livros e/ou internet sobre outras versão da lenda do boto.

3º Encontro

- A aula começa com os alunos partilhando o resultado das pesquisas que fizeram.
- Em seguida, a professora retoma os grupos estabelecidos no encontro anterior e pede que um integrante de cada grupo apresente um dos aspectos da lenda, mostrando o que encontraram de diferentes nas duas versões.
- No momento seguinte, a professora proporciona um momento de debate entre os alunos, perguntando: De qual história vocês gostaram mais? Qual é a versão mais envolvente? Qual versão retrata melhor os nossos valores culturais?
- Abrir um pequeno espaço na aula para falar dos valores culturais da comunidade surda (aluno(s) surdo(s) e intérprete).
- Dando sequência a série de atividades, a professora começa um diálogo com as crianças no intuito de aprofundar o sentido da lenda.

Imagem 07: lâminas dos slides para aprofundamento da lenda

 <p>1) Observem as famílias de etnias diferentes e respondam: em qual delas as pessoas são menos parecidas com o povo que vive na região amazônica?</p>	 <p>2) Na lenda, o Boto é descrito como um homem de "pele rosada". Então, respondam: com qual família o homem-boto mais se assemelha?</p>
 <p>Sabendo que a história do boto não é verdadeira, podemos imaginar que o Boto era uma pessoa de fora da comunidade, independente de sua etnia. Qual devia ser, então, o sentido que os mais velhos queriam dar à lenda quando a contavam para as crianças e adolescentes?</p>	 <p>E hoje com as redes sociais, como ocorre esse encantamento? Como o "Boto" se manifesta?</p>

- Primeiro, a professora chama a atenção para a forma com o boto é geralmente descrito nas lendas, a fim de levar os alunos a perceberem que o boto é alguém de fora da comunidade. São pessoas que não têm laços com a comunidade, visam apenas obter vantagens. Desse modo, o objetivo da lenda, além de entreter, é advertir quanto aos perigos da vida.
- Nessa mesma linha, a professora traz a discussão para a atualidade e questiona sobre o “boto” na era das redes sociais.
- Ao final da aula, a professora passa uma atividade para casa, a qual consiste em sistematizar aspectos que caracterizam o gênero textual lenda.

Imagem 8:

PARA CASA

1) A partir da compreensão que vocês tiveram da Lenda – O boto cor-de-rosa –, responda SIM ou NÃO para as seguintes perguntas:

PERGUNTAS	RESPOSTAS	
	SIM	NÃO
a) A lenda apresenta personagens fantásticos?		
b) O cenário está ligado à natureza (rio, floresta)?		
c) Há uma transformação mágica (animal em homem)?		
d) Existe um conflito ou problema na história?		

2) Com base na questão anterior, expliquem com suas palavras o que é uma lenda. (Responda no caderno.)

4º Encontro:

- Neste encontro, a professora começa pedindo ao(s) aluno(s) que partilhe(m) no grupo a explicação sobre a lenda. E depois eles escolherão uma dessas explicações para ser apresentada à turma.
- Na sequência, a professora entrega aos alunos um quadro comparativo, com o objetivo de perceber que a Lenda e o Conto de Fadas são textos que possuem uma composição predominantemente narrativa

Imagem 9: Quadro comparativo entre lenda e conto de fadas

1) Vamos comparar os gêneros textuais, a lenda e conto de fadas (já estudado).

PERGUNTAS	LENDA		CONTO DE FADAS	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
a) Apresenta o cenário, geralmente ligado à natureza.				
b) Apresenta os personagens, que, em geral, são humanos ou seres fantásticos.				
c) Sempre surge um acontecimento misterioso ou mágico (transformação ou aparição de um ser mítico).				
d) Há um momento de maior tensão, em que o fenômeno ou ação sobrenatural se manifesta.				
e) No final, há a explicação do fenômeno, transmitindo uma moral ou reforçando uma crença cultural.				

Fonte: Elaborado pelas autoras.




PRODUÇÃO TEXTUAL

- Neste momento, a professora pede que os alunos, em grupo, produzam um texto colaborativo. Cada integrante do grupo ficará responsável por escrever uma parte da história (Descrição do cenário, apresentação do(s) personagem

(ns), narração do(s) acontecimento(s) e desfecho da história). Os alunos podem utilizar elementos das duas versões e, ainda, caso queira, acrescentar seus próprios elementos. Mas é preciso que tudo seja combinado no grupo para que a história, ao final, seja coerente.

Imagem 10: Quadro com sequência de imagens para a produção textual

Produzam outra versão da lenda, mas prestando atenção para não deixar de descrever o cenário, apresentar o(s) personagem(ns), narrar o(s) acontecimento(s) e esclarecer como a história termina (desfecho).

	O CENÁRIO
	O(S) PERSONAGEM(NS)
	O(S) ACONTECIMENTO(S)
	O FINAL (DESFECHO)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

- Enquanto os alunos discutem e escrevem, a professora vai passando nos grupos e dando as devidas orientações.

Avaliação: A avaliação será contínua, individual e em grupo, observando a interação, a escrita, leitura e compreensão da narrativa contada pelas professoras e recontada com criatividade pelos alunos surdos e ouvintes. Neste momento, sabendo que escrita do aluno surdo reflete seu aprendizado de uma segunda língua, a professora dará um tempo maior para elaboração do texto e fará correção da produção do(s) aluno(s) surdo(a), considerando os traços de interlíngua.

Observações importantes: Em todos os momentos da aula, a professora deve estar atenta ao(s) aluno(s) surdo(s), tendo em vista que muitas vezes o que é facilmente compreendido pelos ouvintes não o é pelo(s) surdo(s), devido ao seu processo de aquisição da linguagem e letramento.

Assim, cabe ao professor estimulá-lo, valorizá-lo diante da classe e ir mostrando à turma que todos podem aprender juntos.

5 CONSIDERAÇÃO FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma proposta didática, para classes inclusivas do Ensino Fundamental anos finais, que visasse ao ensino do gênero textual lenda, a fim de promover a inclusão dos surdos e o intercâmbio entre as culturas ouvinte e surda.

Para alcançá-lo, elaborou-se uma proposta didática, com base na lenda do boto cor-de-rosa, para o ensino de português em salas de aula inclusiva, do Ensino Fundamental dos anos finais; escolheu-se no Youtube um vídeo com a lenda do boto cor-de-rosa em libras, onde um adolescente sinaliza e faz também a versão voz da narrativa. A escolha deste vídeo foi visando atender às necessidades visuais de alunos surdos e oral auditivas de ouvintes. Além disso, sugeriu-se atividades que estimulassem a colaboração entre alunos surdos e ouvintes e o respeito à diversidade linguística e cultural.

A utilização da lenda do boto cor-de-rosa, enquanto gênero textual e recurso didático bilíngue, pode contribuir para a inclusão efetiva de alunos surdos em salas de aula do ensino regular, promovendo a interação entre surdos e ouvintes e o respeito à diversidade linguística e cultural. Ao trazer o folclore amazônico, a escola valida saberes regionais e culturais (respeito cultural) e, ao adaptá-lo para Libras, valoriza a cultura surda (respeito linguístico).

A troca de narrativas (a lenda contada pelo surdo em Libras e pelo ouvinte em português) promove a socialização, a compreensão linguística e a interação entre surdos e ouvintes, permitindo que o aluno surdo não seja apenas um receptor, mas um participante ativo na construção do conhecimento folclórico e na produção de narrativas na sala de aula.

Todas as atividades foram pensadas e escolhidas pensando nos alunos ouvintes e nos alunos surdos, de modo especial. A utilização de recursos visuais, da língua brasileira de sinais (libras) e a metodologia interativa/colaborativa certamente possibilitam maior participação dos alunos surdos, promovendo acessibilidade linguística e garantindo o direito à aprendizagem em igualdade de condições.

A proposta também favoreceu a interação entre alunos surdos e ouvintes, estimulando o respeito às diferenças e à construção de um ambiente educacional mais inclusivo e democrático.

Além disso, a abordagem da lenda permitiu reflexões críticas sobre valores sociais, relações de gênero, tradições orais e mitos populares, ampliando o sentido do conteúdo para além da narrativa folclórica. Dessa forma, esperamos que o ensino deixe de ser meramente transmissivo e passe a assumir um caráter significativo, contextualizado e intercultural.

Vale dizer que trabalhar a lenda do boto-cor-de-rosa como proposta didática inclusiva reforça a importância de práticas pedagógicas que consideram as especificidades dos alunos surdos, respeitando sua língua, cultura e formas de aprendizagem. No entanto, esta ainda não é a solução, pois a resposta às necessidades linguísticas e didático-pedagógicas do surdo passam tão somente pela implementação da educação bilíngue de surdos, como orienta a recente Lei 14.191/2021.

Dessa forma, destaca-se a necessidade de investimentos contínuos para uma formação docente bilíngue, valorização da libras e produção de materiais também bilíngues, especialmente para o ensino de língua portuguesa como L2, uma vez que a inclusão escolar do aluno surdo deve ser pensada a partir da implementação da educação bilíngue de surdos.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Denise Felipe Carvalho de; LIMA, Edivania Ferreira. **A contribuição do folclore nas aulas de literatura infantil**. Brasília, 2005. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/6630/1/40262062.pdf>.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.
- BRASIL. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca- Espanha, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>.
- DORZIAT, A. Educação de surdos no ensino regular ou segregação? **Revista Centro de Educação**, v. 24, p.1-7, 2004.
- FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Método de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIORDANO, Alessandra. **Contar histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura**. São Paulo: Artes Médicas, 2013.
- LEONARDO, Débora Deyane Silva. **O processo de relacionamento entre alunos surdos e ouvintes em uma escola inclusiva**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MENEZES, Tássia . Folclore brasileiro: de patrimônio cultural à marginalização. **Conexão UFRJ**, 3 de junho de 2022. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/06/folclore-brasileiro-de-patrimonio-cultural-a-marginalizacao/>
- MORAIS, F. B. C. de, & CRUZ, O. M. S. (2022). Unidade didática e plano de atividades: uma prática de resistência pedagógica para o desenvolvimento de sentidos em Libras e em Língua Portuguesa. **Fragmentum**, (55), 201–223. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2179219443567>.
- NASCIMENTO, Cícero Bruno Barros. Lugar de memória: os mitos e as lendas na construção de identidades. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v. 8, n. 03, mar. 2022.

SAGÁRIO, Maria Cristina; MENDES, Ivanize Nazaré. A influência das lendas e mitos para a cultura atual e a educação. **RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, Brasil, v. 1, n. 1, p. 1–11, 2023. DOI: 10.51473/ed.al.v3i1.561. Disponível em: <https://submissoesrevistarcmos.com.br/rcmos/article/view/392>.

PERLIN, G. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Orgs.). **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

QUADROS, R. M., SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SIGNORELI, Izabel. **Folclore e educação**. Goiânia, 2017.

SILVA, Daniel Neves. Folklore. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p.143-164, 2022.

SOUZA, Adelene de; LIMA, Francine de Paulo Martins. Inclusão de alunos surdos: desafios e necessidades do docente. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v.25, p.123, 2022. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.